



O Livro da Condessa

ف

Ed. Faz de Conta

© Editora Faz de Conta
1ª Edição 2008
2ª Edição 2015

Bibliografia

“Arte contemporânea no século XXI”. Org. Denilson Santana, 2012.
“Poemas Reunidos”. Ed. Faz de conta, 2009.
“S/arte. Filosofia, historia e procedimetos artísticos”. UEFS, 2009.
“A arte pós-moderna, da semiótica ao uso da história”. Uefs, 2004.
“O Pós-mídia, ilusão e pertença na arte contemporânea”. Uefs, 2002.
“A Rainha do recôncavo. Memória histórica do engenho do conde”. Uefs, 2001.

Santana, Denilson Conceição. (Cruz das Almas. BA - Brasil; n.1972). O Livro da Condessa/ Denilson Conceição Santana. – Recôncavo Baiano: Editora Faz de Conta, 2015. 20 p.

1. Poesia. Poesia Brasileira. Editora Faz de Conta

DENILSON CONCEIÇÃO SANTANA

Esta é uma obra de ficção poética histórica. Baseada na vida da Dona Felipa de Sá que, em 1572 com a morte de seu pai, o então 3º Governador Geral do Brasil Mem de Sá, herda os maiores patrimônios do então período Luso-Brasileiro Colonial, a saber, o Engenho Real do Seregipe no território que hoje constitui o município de Santo Amaro da Purificação e o Engenho Real Santana em Ilhéus, todos na Bahia.

Dona de uma riqueza insustentável e que talvez não soubesse de sua dimensão para o Novo Mundo, procura-se em todos os Reinos alguém à sua honraria e nobreza para que os governe e perpetue tal herança.

A 'Condessa de Linhares', título recebido quando 'contratou-se' núpcias com Dom Fernando de Noronha, para dar continuidade na linhagem da família Real, ao que se sabe nunca visitou seus bens no Brasil e os tinha por notícias de seu marido, que os administrava e que por este motivo os fez doar ao Colégio dos Jesuítas após sua morte.

O tom destes poematos é sobre esses lamentos, saudosismo e eterna relação de amor (?) e causalidade com sua (nossa) fidedigna gente leal e benemérita, sendo que por convicção foram mantidas algumas palavras em concordata com a língua portuguesa do período proposto.

O Livro da Condessa

POESIA

Na capella

Na capella às seis
Adensa noite a lua descansa suas vestes
E um ruído de ventos a estibordo
E que pella noite oiviam seus allurdes
Agitavam o pequeno luso sino
Hibernando a plantação das meninas
Branças de assucar e ou quase
Negras de fumo e tabaco

Ágoas

O rio que passa por mim
Vai a minha villa e vai fazer barra
Ao mar
E regão tudo que o margeia
E em época de enchentes o necessitam
Cannoas e pequenas embarçaomens
Pois adentram paizagens do sonho
E aprazível destilaria
Pois hão nelles athé
Logares de infância e arremedo

À guisa das primeiras curias

Em 1591, O padre Antônio Fernandes, curato ou “vigário” na Ermida da então “freguesia” do Seregipe do Conde, fez-se chamar à “confissão” alguns gentios para que elles lhe darião o arbítrio de batismo e se lhes fazer doutrina...

À conversão de almas
Faço vê-las em concílio, communhão
- Flexa de Índio cura ferida de branco-

Devotos pretinhos
Santinhos branquinhos

Dos quaes,
Erecta em anno mayor
Devoção e fervor annexas
Aos porões dos navios
Ao rugir da moenda

Barroco - Mór

E que são em muitos que
A tal preguiça que se assentou sobre tal villa
Uns diziam saudade
Outros riqueza
Ao desenho
Viés das ruas rio acima
Foi-se exaurir prosperando

Pequeníssimo fado d'ouro

Assentado na praça
Fez-se alegrar um tempo distante
Um engenho eterno e duradouro que jaz ruína
A magia, soçobro de lugar
No assombro da Condessa vespertina
Formosura acabada de todo
De precioso feityo e primor
A que um só freguez intenta

Aqui, pois que desta ermida

Pintar e dourar cazas,
Ruas, portadas, moradias
E que sê arquitetura
Lisboeta em vigio perpétuo
Fruindo linhagem régia na benemérita

1\$ apaixonada alma

Te compreendo agora porque fostes embora...

...Perseguido por formigas, fora parar a trez quartos de legoa citio adentro...

E ao seo lugar foram arrendadas as terras a que vivião a outros insectos...

...E vivião de plantarem bons frutos e raízes, trazidos antes pelas ditas...

O lado oposto do rio

Hũa poesia dita à margem direita do Seregipe fez
Acordar a condessa frente ao espelho em Évora
E num tempo de devaneio
O convento todo se enfeitou pra tal festivo
A povoação de alguns vizinhos levantaram
Seus moradores entre cantos de louvor e prece
Atenuaram tal desvio
E que longilíneo mistério
Aquele que de singrar com os mares

Do Cais

Quiz uma vez o Conde que o pôrto principal de seu
Engenho fosse alargado até outro ponto
E medida de tal alarde, a construção desta que seria
Uma ponte imaginária diria
E por ser o cais de mar mais conveniente
E em tal trapiche sê cúmplice bons fructos
E eram farinhas, carnes, pescados, legumes
E quinquilharias
Pois que também sua tempestiva escripta
Sympathica àquela ânima

Estrada debaixo e estrada de cima

À estrada debaixo
passagem de vau
ausência de afluentes
e rio sê poema e um só

À estrada de cima
e he preciso o vasio da maré
immensas plantações
roças, poças
e contornos à pé

Do Côro da Matriz

Navegão dos forros da nave
magestoso intento
e azulejos, pedras de cantaria
e mármorez luzitanos

E que da mais alta torre avista
pias de água benta
enchentes no rio
rezas no terreiro

Ao poente da villa
A mais versada aldeia, com rodeios e
adornos
e alguns fogos de prumo
e negros, gente mui pobre, fôrros, velhos
e miseráveis

E o sino badala quando sê preciso

Officio dos dias

Está lá...

Arraial adentro em singular artifício

Comprehendendo

Requerindo hum quinento de lugar

Cavalgadura, thezouraria

Prezente acta de

Innocente accordo principião

A Título de esmolla

Principaes fados evoam
Criadas mudas, m'amas de leite avuaçadas
C'annas, moendas e assucares
E se Vae n'este:
Caxas ahi depositadas

Seos barcos, saveiros, canoas de remo
Concenso Régio

O Alambique
Ardenes
Não he miserável
E fructas
Do districto

E eu
Noviciata
Seo casario de fino trato
E boa gallaria

Estrada Real

Virgem a meus pés a estrada real aguarda
Fôrma côncava qual caudalosa passagem
Ecco tal magestosa idea
Antes, imagens de santas, musas, batistério
Hoje, no entanto, estreitíssimo destacamento
Onde pedras em posição magnífica dão ar nobre
Palmilham daí a seda dos guardas
Ao passo dos dias

Visão do Paraizo

Acolá, futura fabrica de f'eros
E então, por todo o lau e freguesia ouviu-se
Um choro sem reza
Um lamento sem prece
Adornando cânticos, matinais, invernum
Succedem
Escrivães de justiça
Primoroza alegria ainda que preza por futuro
Batuques, lundus e festivos intentos nos porões

Língua tupi

Nem fé, nem lei, nem rei

Mui branda

Sem peso e medida

Ditam as coisas com o esmero que as incitam

Leitmotiv para quem sóbrio e ou em sua simpleza

Sê a alma e o canto de um lugar

Retro-alimentação de fauna e flora quando se
ouve tal pronunciar

Por haver sahido da mãy natureza

E fôra Deos alguém entre deuses

Carta-régia

Mando a este reino e faço saber
Que os gentio
À fevre das couvade
Ou por amar a terra de tal
Premissa alquímica de fado
O direito de capitanear tal sacrário
E assim me pereceo crear nesta
A insurreição de que o amor tenha partes
iguais
E sugestivamente interina
Revelando sua adoção e esmero